ANO 11.º — Sexta-feira, 29 de Março de 1918 — Numero 517

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(*)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. de Arnelas—AVEIRO.

Redação e Administração, Rua Direita, n.º 54

Unâmo-nos

—(*)—

Unâmo-nos para evitar a catastrofe que se avisinha!

Unâmo-nos para colocar acima de todas as contingencias que as torrentes de odios e de paixões estão disseminando em larga escala por toda a parte—o torrão sagrado da Patria!

Nós, republicanos, todos quantos, velhos apologistas do grande principio da Democracia, lhe démos tudo nas horas perigosas e incertas da propaganda e da luta, afirmámos *una voce* que, postos entre o dilema do sacrificio das nossas aspirações e a perda da autonomia nacional com a queda do antigo regimen, aceitariamos a monarquia com tanto que livres continuassêmos a ser.

Até aqui chegou o patriotismo republicano.

E, porque não apelar para a mesma grandeza de sentimentos, agora, que a situação é tão carregada e escura, como se sobre nós estivesse prestes a desabar a maior das tormentas que imaginar se possa?

O sistema inaugurado após o 5 de Outubro, diametralmente oposto ás dôces aspirações de todos nós, é um sistema fatalmente funesto.

Coisa triste é a desordem a que se chama ordem. Os homens da revolução, os que ficaram regendo os destinos da Patria, não acompanharam a evolução iniciada, trazida com a vitória republicana, com o triunfo do novo regimen.

Sobrepozeram aos naturais e logicos efeitos da Revolução, as suas ambiciosas aspirações, os estreitos cadinhos das suas vaidades.

Obstinaram-se em conservar, dentro da nova fase politica, os processos do passado, que estava morto, e de aí a produção desta epidemia moral, que adultéra o civismo, abala o raciocinio, aniquila a lealdade.

Fatalmente, essa politica cêga aqueles que a praticam. Assim, esses homens, que se classificam de estadistas, não compreendem nem se lembram que foram eles quem, com as proprias mãos, fizeram, geraram os acontecimentos terriveis a que temos assistido, e que as catastrofes, que sobre as suas cabeças desabam, por eles foram fomentadas tambem.

Essas convulsões, que aniquilam vidas, que semeiam a morte e o luto, são o resultado logico da arbitrariedade, dos erros, das violencias cometidas em nome da Republica.

A politica seguida de resistencia, é uma politica funesta, é uma politica condenavel.

Nela se envolve, ou com uma inconsciencia que irrita ou com um cinismo que apavora, a independencia da Patria.

Devemos consenti-lo sem protesto? Não, nunca!

Estâmos dando ao mundo uma prova inconfundivelmente triste da nossa incompetencia, do nosso desvairamento.

Estâmos evidenciando uma incapacidade quasi organica das faculdades indispensaveis aos que mandam e dirigem.

Porque se não abre um grande coval onde sinceramente se sepultem rivalidades e odios, ambições e vaidades, e, num grande gesto de fraternidade, de olhos fixos no coração da Patria, todos apareçam unidos em volta da mesma bandeira verde rubra que dos portuguêses fôra a esperança de outros tempos?

Republicanos—republicanos de convicção e sentimento!—unâmo-nos no esforço comum que a todos cabe para erguer nas mãos, como hostia consagrada, o ideal, pelo qual tantos lutaram e morreram!

Chamemos os responsaveis de todas as torturas a que tem sido submetida a Nação, intimando-os a que se intégrem na purêsa dos principios que se impõem á existencia do regimen: voltemos á acção igual, comum de todos nós, chefes e soldados, incutindo o respeito da doutrina consignada nas paginas sagradas do evangelho da Democracia!

Nada de oligarquias, seja onde fôr!

Nada de sectarismos, nem idolatrias, nem personalismo!

Oponhâmos o nosso veto de soldados á acção mal delineada dos chefes!

Os bons republicanos não poderão acorrentar-se á pratica de actos nem sancionar resoluções, como simples respeito a um falso principio de disciplina partidaria, quando a consciencia lhes brada que férem em cheio a Nação, que ofendem cruamente os seus principios.

Uma das causas da morte do regimen monarquico foi o aniquilamento da vontade dos partidos ás conveniencias dos chefes, foi a submissão, a abdicação completa do sentimento colectivo á vontade, á deliberação do dirigente.

Proclamemos, todos, numa estreita união, numa firme decisão, a necessidade de ser intimado aos chefes politicos de hoje, a carencia inadiavel, não de proteger e aumentar as suas *cotteries*, mas de olharem para as necessidades da Patria, para a sua defêsa, para a sua protecção!

E' preciso que se intégrem, absoluta, formalmente, dentro dos principios adstritos á Republica.

Proclamar-se uma doutrina e praticar-se o contrario dessa doutrina, é um ludibrio, uma burla, que todos nós, republicanos, não poderemos consentir.

Façâmos uma Republica nova, mas nova na absoluta e inconfundivel verdade e sentido da palavra!

Aqui fica o primeiro brado, o primeiro grito!

Unâmo-nos para o resto, serenos e firmes, recordando-nos que temos tudo nas nossas mãos—desde o aniquilamento, pelo repudio, dos que não forem dignos da nossa consideração, até o triunfo completo do Ideal pela nossa força, pelo nosso civismo, pelos nossos sacrificios.

Electricidade

Em concurso publico foi adjudicado á firma Cunha Lima, Lim.ª, de que é socio o sr. Antonio Alexandre Souto, o fornecimento de energia electrica para iluminação, força motriz e outros usos na povoação de Vizela.

E Aveiro, quando chegará a sua vez?

Films...

Uma conferencia

O sr. Brito Camacho, chefe do partido unionista, veio no domingo ao Porto conferenciar no Teatro Nacional sobre *presidencialismo e parlamentarismo*, não logrando, porêm, chegar ao fim da sua oração por, na sala, se ter estabelecido um tão grande tumulto que até alguns destroços de cadeiras tomaram assento nas cabeças dos circunstantes, que tiveram de ir curar-se ao hospital ou ás farmacias proximas.

Dizem os jornaes que foram elementos monarquicos os autores do chinfrin. E porque não elementos republicanos, recrutados entre os que liam na imprensa adversa ao partido da União os improperios com que diariamente era mimoseado o antigo democrata?

Aquela dum espectador exclamar—*Vai lavar a cara*—é sintomatico.

Vê-se que o sugeito está convencido de que eram verdades o que não passava de diatribes.

A bôa educação...

Cameira

Com este nome e mais o de Eurico a precede-lo existe em Lisboa um capitão com dotes de tamanha superioridade para o desempenho de muitos logares ao mesmo tempo, que já ha quem o suponha capaz de acumular até o de representante de Cristo na terra dado o caso que isso convenha á situação.

Mas dessa o livramos nós. Será *flutuar* de mais e o brilho do Chico, em materia de *flutuações*, não consentimos que ninguem lho tire...

Para honra dos democraticos aveirenses, marca de anzol...

Bélo serviço

Um diário da capital publicou na segunda-feira esta informação:

> Em Viana do Castélo ordenou-se que nenhum chefe de familia possa adquirir milho sem apresentar um boletim assinado pelo regedor, pelo presidente da junta da freguezia e rubricado pelo paroco. Quer dizer: quem não fôr do agrado do paroco, que não é nem autoridade, nem funcionario publico, nem exerce cargo oficial nenhum, fica sem borôa!

O nosso coléga *A Manhã* admira-se e classifica isto de *espantoso*.

Por nossa banda chamamos-lhe ante...s *sinais dos tempos*...

Ai a falencia dos homens...

JULGAMENTO

Com larga concarrencia de espectadores, tantos quantos poude conter a sala das audiencias, realisou-se em Albergaria-a Velha o julgamento do sr. João Luiz de Rezende, director, que foi, do extinto semanário *Democracia do Vouga*, acusado de ter morto com alguns tiros de revolver um individuo que o fôra increpar pela publicação de certa correspondencia da freguezia da Branca onde era visado.

O juri foi constituido por cidadãos das comarcas de Agueda e Estarreja, a defêsa confiada ao exministro sr. dr. Antonio Macieira, que se houve á altura dos seus créditos de brilhante causidico, decorrendo a discussão do lamentavel acontecimento, sem incidentes de maior, desde a manhã do dia 20 até ás 11 horas de 22 em que o meritissimo juiz presidente do tribunal proferiu a sentença. Esta encerrava a condenação do acusado em 3 anos de prisão celular ou na alternativa de 11 de degredo em posssessão de 1.ª classe, incluindo a prisão correccional já sofrida, custas e sêlos dos autos, pelo que João Luiz de Rezende têve de recolher de novo á cadeia desta cidade, cujos aposentos vinha ocupando quasi a partir da hora em em a fatalidade o envolveu no manto negro da desgraça.

"O Democrata,,

Ainda sobre a passagem do nosso aniversário, reproduzimos:

Do *Jornal de Alemquer*:

"O Democrata,,

Completou o seu 10.º ano de existencia o nosso presado e intrepido coléga de Aveiro *O Democrata*, denodado combatente pelos sãos principios republicanos, destemido e intransigente, superiormente dirigido pelo sr. Arnaldo Ribeiro.

Saudando o com todo o afecto pelo seu aniversário, fazemos votos pelas suas prosperidades.

De *O Benaventense*, de Benavente:

"O Democrata,,

Completou ultimamente dez anos de existencia este distinto confrade que, em Aveiro e sob a proficiente direcção de Arnaldo Ribeiro, vem desde longe combatendo pelos sãos principios republicanos, cuja conduta, irrepreensivelmente seguida, o mantém á altura de um dos melhores e mais fortes sustentaculos em que a Republica afoitamente se póde apoiar.

Felicitâmos, mui sinceramente, o presado coléga, desejando-lhe muitas prosperidades no decorrer do seu nôvo ano.

De *A Voz do Povo*, d'Aveiro:

"O Democrata,,

Completou mais um ano de existencia este nosso denodado coléga local, que tem como director o conhecido jornalista sr. Arnaldo Ribeiro.

Que esta data se repita por muitos anos, é o nosso desejo.

HEIN? QUE É LÁ ISSO?

Mandam-nos pelo correio um pedaço do jornal de Moreira de Almeida, *O Dia*, em que este, depois de vários comentarios á situação, se permite a liberdade de escrever:

. . . .

"Os demagogos—e esta designação abrange agora fraternalmente democraticos, evolucionistas e unionistas—conspiram sem recato nem repouso,,...

"O govêrno tem hoje de defender-se e assegurar, contra essa QUADRILHA DE BANDIDOS sem patria, o nome, a honra, a existencia de Portugal,,

Hein? Que é lá isso? Bandido é ele. Ele e os purrias que o acompanham, o aplaudem e o incitam. Ele e a malta que o sustenta. Ele e os companheiros dele, a geração dele, os partidarios dele.

Então em plena Republica, Moreira de Almeida, atreve-se?!... Com que autoridade, com que direito se sáe assim a afrontar, indistintamente, os republicanos, o ultimo dos miseraveis?

E' a paga. Pouparam-no? Pois agora aturem-no. De bandidos para cima contem que não fará por menos as suas arremetidas.

E ainda mais havemos de vêr...

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Reis*.

GRAVISSIMO

—(*)—

Por causa da questão politica

—(*)—

Dois documentos que merecem a atenção do pais e do govêrno

A imprensa diaria — jornaes monarquicos á frente—inseriram nos ultimos dias da semana preterita, este telegrama que lhes fôra transmitido de Paris pela *Agencia Fost*:

Paris, 19, ás 9 n. — Os inimigos do govêrno português acabam de consumar uma obra de traição. Encontrando fechadas as portas da imprensa aliada, recorreram a um processo clandestino inqualificavel. O sr. Homem Cristo, sabendo, no ultimo sábado, que João Chagas enviára um documento da mais alta gravidade, não só aos membros do govêrno francês, mas tambem a numerosas personalidades do mundo politico, parlamentar e jornalistico, e aos homens de letras da França, obteve um exemplar desse documento, que comunicou imediatamente ao ministro de Portugal em Paris. E' um verdadeiro apêlo á intervenção estrangeira. Afirma que a Republica Portuguêsa está nas mãos da Alemanha, fazendo-lhe o jogo; diz que o tenente Teofilo Duarte prendeu o coronel Homem Teles gritando *abaixo a guerra*; afirma que os chefes do movimento tiveram conferencias com o chefe da espionagem alemã na peninsula, antes da revolução; e que durante esta eram expedidos telegramas da Rotunda, para um certo Kluck, agente da espionagem alemã em Barcelona.

O referido documento contêm despachos do ministro em Madrid, Vasconcélos, a respeito de João Guimarães e Têles Vasconcélos; afirma, citando factos inventados, que o govêrno e as autoridades actuais são na quasi totalidade germanofilos notorios. Acrescenta que

a obra realizada até agora por Sidonio Pais não permite quaisquer duvidas a respeito das suas intenções; que as suas afirmações de fidelidade á Republica e aos aliados são um estratagema; que ele é o chefe da segunda tentativa germanofila e monarquica de que a Republica é vitima desde o principio da guerra; que os corpos administrativos são compostos de germanofilos; que as liberdades de imprensa, reunião e associação foram abolidas; que as prisões estão cheias de amigos dos aliados e de partidarios da guerra; que certas autoridades gritam vivas ao kaiser; que os agentes do govêrno incitam o povo contra a guerra; que Sidonio Pais tomou para com os seus amigos e auxiliares o compromisso de não enviar reforços de tropas combatentes para França; que o corpo expedicionario está já muito reduzido; que o contrato para fabrico de material de guerra em 1918 foi anulado e que tudo isto é obra da Alemanha, da qual Sidonio Pais é o principal agente.

Diz mais que a embaixada alemã em Madrid pôz á disposição do chefe do govêrno dois milhões de marcos, e termina insinuando a necessidade da intervenção estrangeira, por ser muito grâve a situação. O *Bureau* da Imprensa Portuguêsa, em Paris, enviou já aos jornais uma nota pondo em guarda os homens politicos e o publico francês contra esta manobra e anunciando que será dada resposta dentro de 48 horas ás acusações caluniosas citadas. O sr. Homem Cristo partirá para Lisboa na proxima semana para entregar ao presidente da Republica os *clichés* fotograficos tirados por ele deste documento. Realisará em Lisboa uma conferencia publica na qual fará a leitura integral do documento e denunciará a obra de traição dos inimigos do govêrno nos paises aliados.

Por seu turno, *A Montanha*, que tinha desde ha dias uma carta em seu poder do snr. dr. Alexandre Braga sobre o mesmo assunto, inseria-a tambem no sabado, sendo dela os trechos que seguem:

PARIS, 3 de Março de 1918.

Sr. Redactor:

Chegado ha poucos dias, vindo do Rio de Janeiro, a Paris, e inteirado aqui, seguramente da actual situação interna e internacional do meu País, considero, como o primeiro de todos os meus deveres de patriota e republicano, o de tornar conhecidos dos portugueses alguns factos, que reputo de decisiva significação e extrema gravidade para a nossa vida nacional.

Nenhum dos meus colégas do anterior gabinete se encontra em condições de o poder fazer: — O snr. dr. Afonso Costa está preso, em situação de impenetravel incomunicabilidade, os demais que vivem ainda em Portugal seriam inevitavelmente vitimas das peiores perseguições e dos mais ultrajantes vexames; o sr. Norton de Matos, quando ha poucos dias me encontrei com ele em Londres, não tinha as pormenorisadas informações que eu consegui reunir.

Quiz o destino furtar-me á furia da tirania trágica e grotesca que aí hoje domina. A esse acaso eu devo a liberdade de que goso ainda e que muitos dos meus amigos não conhecem agora. Dela me servirei, enquanto possa, para defender a liberdade de todos os meus concidadãos e a honra do nome da minha Patria.

Por isso me dirijo hoje a V. pedindo a publicação desta carta no seu jornal.

Os factos que entendo ter o dever de revelar, são os seguintes:

1.º—Com a data de 24 de Julho de 1916, foi recebido pelo Governo Português um telegrama cifrado, de que possuo copia fotografica, e que era assim redigido:

Legação de Portugal em Madrid em 24 de Julho de 1916.—Urgente.—Confidencial.—João de Deus Guimarães teve gare antes partir conferencia larga com chefe da espionagem alemã em Madrid. (a) *Vasconcelos.*

Este telegrama tem, no arquivo da Legação Portuguêsa em Madrid, o numero da ordem 164. A denuncia nele contida é feita, como se vê, pelo então nosso ministro em Madrid, Augusto de Vasconcelos. Em seguida a esta comunicação enviou o mesmo diplomata, para o Ministerio dos Negocios Estrangeiros e ocupando-se do referido assunto, um relatorio que é, na sua essencia, redacção e conclusões, e na parte em que se refere ao dito João de Deus Guimarães, fulminantemente acusatorio para este. Estes factos, porque constam do arquivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, são necessariamente conhecidos de Sidonio Pais, hoje adornado, entre os vários titulos que se conferiu, com o de ministro daquela pasta.

Apesar disto, João de Deus Guimarães, o homem que conferenciava largamente em Madrid com o chefe da espionagem alemã naquela cidade, ocupa actualmente o cargo de chefe do gabinete do ministro do Interior, Machado Santos..

....

2.º—Teles de Vasconcelos, director do jornal de Lisboa *O Liberal*, foi expulso do país, juntamente com outros individuos, pelo govêrno de que fiz parte como Ministro da Justiça. O motivo dessa expulsão consistiu no facto de se averiguar, oficialmente, que a brochura anonima, intitulada *Rol de deshonra*, fôra impressa e distribuida com conhecimento e intervenção do mesmo Teles de Vasconcelos e das demais pessoas compreendidas na ordem de expulsão do govêrno. Pouco tempo depois, o mesmo govêrno era informado, por comunicação duma potencia aliada, de que havia sido interceptado um radio, expedido para Berlim pelo adido militar da embaixada da Alemanha em Madrid, o qual dizia, substancialmente, o seguinte: *O nosso agente principal, Teles de Vasconcelos, e todo o seu estado maior, acabam de ser expulsos. A revolta Gabriel, preparada para o dia 28, falhou.*

Sidonio Pais tem, necessariamente, conhecimento destes factos, visto como a dita comunicação se encontra nos arquivos ministeriais e ele a si proprio se intitula ministro dos negocios estrangeiros, mas apesar disto, o homem que se chama Teles de Vasconcelos, e que era o agente principal da Alemanha em Portugal, regressou, triunfalmente, bem como os seus cumplices, ao nosso país, e o intitulado ministro do Interior, Machado Santos, convidou aquele agente da nação em guerra com Portugal a fazer parte da vereação, nomeada no Terreiro do Paço para administrar o Municipio de Lisboa!

E' o que consta de uma nota de informação politica, publicada no jornal de Lisboa *A Manhã* do dia 20 de Janeiro passado, a qual relata, essencialmente o seguinte:

O ministro do Interior, intrevistado por um redactor do jornal A Opinião, *declarou-lhe que tinha convidado para fazerem parte da Comissão Municipal de Lisboa as seguintes pessoas: Elisio dos Santos, Rocha Martins, Teles de Vasconcelos, etc.*

Quando ainda os intitulados revolucionarios, que hoje deteem o poder em Portugal, estavam em armas no seu reduto, alguns telegramas expedidos de uma estação telegrafica proxima de aquele local, foram interceptados. Nestes telegramas, dirigidos a um tal Lluk, de Barcelona, agente da Alemanha, muito conhecido dos serviços de informação Anglo-Francêsa, era o mesmo Lluk posto ao corrente a par e passo, dos progressos da insurreição. O snr. Luiz Galhardo, oficial do exercito português, actualmente exilado e residente em Madrid, no Hotel Inglês — Calle Echegary—deve ter conhecimento de tudo isto, e consta-me mesmo que tem em seu poder alguns dos aludidos telegramas.

Assim se explica o facto, que se afirma como verdadeiro, do triunfo da sedição de Dezembro ser conjuntamente conhecido em Portugal e nas trincheiras portuguêsas em França, onde os nossos soldados teriam tido dele conhecimento por intermedio de comunicações, redigidas em português, que lhes eram enviadas dentro de granadas alemãs.

São estes os factos que por agora e sem nenhuma especie de comentarios, entrego ao conhecimento e apreciação do meu país.

* * *

Esta carta é remetida a V. em condições de plena segurança, quanto á certeza da sua entrega e recepção.

Não desconhecendo, porêm, o ambiente de torva tirania e de esmagadora opressão em que asfixia uma parte da imprensa portuguêsa, sou tristemente forçado a admitir a ipotese de que V. se veja coagido a não dar publicidade ás minhas revelações. Se tal acontecer, a minha consciencia de cidadão impõe-me desde já o dever de me considerar obrigado a lançar mão de todos os meios, sem nenhuma especie de restrições ou limitação, para tornar conhecidas as revelações que nesta carta exponho, por intender que elas interessam, fundamentalmente, á honra, á dignidade e ao decôro do nome de Portugal.

Sou de V., etc.

(a) **Alexandre Braga**

Como se entende isto? Então João de Deus Guimarães, enviado pelo govêrno em missão especial a Espanha, trata com os inimigos dos aliados, que o mesmo é dizer com os inimigos de Portugal, e não se chama á responsabilidade dessa imputação, oficialmente conhecida, antes o distinguem com a absurda prova de confiança que se está vendo?

Que gente é esta que preside aos nossos destinos?

As revelações agora vindas a publico são da maior gravidade, porque envolvem a honra da nação ao mesmo tempo que põem em cheque o prestigio de individualidades destacantes no regimen republicano. Precisa-se, portanto, saber até que ponto a verdade tem de ser considerada.

Vâmos: esclareça-se tudo, mas quanto antes.

A epidemia do tifo

Pouco conhecida a proibição da feira, a concorrencia de gente desta região foi ainda assim avultada, tendo feito rasoavel negocio quasi todos os estabelecimentos da cidade, onde os visitantes foram procurar o que não lhes ofereciam as barracas, parte das quaes estavam já desmanchadas.

Os transtornos e prejuisos causados por a acertada proibição da feira, poderiam ter sido ainda reduzidos se de tudo tivessem tratado com tempo bastante, evitando assim despezas que foram absolutamente inuteis, por inaproveitaveis, como aquela que resultou da montagem das barracas e seu desarmamento.

Houve além disso despachos de fazendas e outros artigos que se poderia ter evitado se, como era natural e logico, se tornasse suficientemente conhecida a deliberação superior, espalhando-a inclusivamente por meio de circulares aos interessados.

Mas, a culpa não é, certamente, nossa e vá a responsabilidade do caso a quem toca.

De resto, insistimos em lembrar a conveniencia de, sem demora, este concelho ser posto fóra da zona suja, afim de se poderem aplicar as medidas e a vigilancia indispensaveis para afastar a visita do mal.

Já aqui dissémos que a proibição da feira não resolveu definitivamente o grâve assunto.

Dum momento para outro póde, por infelicidade de todos nós, aparecer o terrivel flagelo e por isso é que apelamos para os que tem o dever moral e profissional de atender ao perigo que tomem as precauções necessarias, tendentes a evita-lo.

Continúa a afirmar se que, de facto, foram expedidos telegramas, pedindo ao govêrno a revogação das suas determinações referentes á proibição da feira. Mas quem expediu esses telegramas e fez esses pedidos? As mesmas entidades que, oficialmente, fizeram vêr o perigo que adviria com a realisação do mercado?

Não, não acreditamos, pois repugna-nos aceitar que em assunto tão grâve, tivesse havido tão pouco respeito pelo proprio senso e criterio dos autores dessa farçada.

De Ovar

25 de Março de 1918.

... Sr. Director do *Democrata*

Nesta terra de beatas e de má lingua dão-se de quando enquando scênas bem ridiculas. Numa capéla particular de um tal Brandão, da Rua João de Deus, tem-se feito novenas a S. José. Até aqui nada ha de extraordinario; mas imagine V. que faz de padre, com uma sobrepeliz branca, uma mulher!!! E' caso para se dizer que além de sacerdotes, temos tambem sacerdotisas...

A malandragem campeia por esta terra, que pretende ser civilisada. Deitaram abaixo um muro da igreja, e praticaram outros actos de vandalismo. Pois os malandros andam á solta, porque o administrador do concelho fecha a porta e vae para Válega. Sabe-se já os nomes de dois malandros; um é um tal Adriaca, irmão de um famigerado ladrão que foi para a Africa ha tempos; o outro é um vadio, embóra aparentado com bôa gente.

A's noutes, na Praça, a malandragem agride as creadas de servir que vão á fonte, começando por deitar-lhes os canécos ao chão e para os lados da Fonte do Casal deitam terra sobre os cantaros da agua. Mas não ha providencias. Para quê? Estamos entre verdadeiros selvagens, e a autoridade é de gêsso.

Se o meu precario estado de saude me permitir, voltarei bréve a narrar-lhe outras coisas.

De V. etc.,

Constante leitor

A CHICORIA

Um comicio de protesto contra a sua cultura

Como fôra anunciado, realisou-se no domingo ultimo, em Estarreja, um comicio afim de se protestar contra a cultura da chicoria neste distrito e designadamente naquele concelho.

A esse comicio, que foi bastante concorrido por pessoas de todas as freguesias e em que predominou a classe lavradora, presidiu o sr. dr. Tavares Afonso, secretariado pelos snrs. Adriano Silva e Eduardo Ferraz. Usando da palavra, falou em primeiro logar o snr. Joaquim Pais, de Veiros, que declarando ser um operario da Companhia dos Fosforos, com um ordenado compensador, tinha por várias vezes batido ás portas de lavradores da sua freguesia, alguns, segundo disse, presentes ao comicio, para que lhe vendessem milho para o sustento do seu casal, mas a isso se negaram, até pelo mais elevado preço, indo afinal alugar as suas terras para o cultivo da chicoria.

O seu discurso pronunciado em palavras rudes, foi muito ovacionado.

Seguiu-se-lhe o snr. José Manuel de Bastos Gurgo em nome da Associação Agricola de Pardilhó, que por sinal já não existe, o qual depois de várias considerações, demonstrando a carestia porque o lavrador obtem os artigos de lavoura, tambem estes tinham o direito de alugar as suas terras para o cultivo da chicoria, por de aí auferirem maiores proventos.

Este orador foi interrompido com *não apoiados*.

Por ultimo, falou o sr. dr. Pedro Chaves, que prendeu o auditorio durante bastante tempo, demonstrando com factos o mal que a chicoria causa ás propriedades e que, sendo um lavrador, não consente que em propriedades suas se cultive semelhante planta. Mandou para a mesa uma moção, pela qual pede a proibição da chicoria até dois anos depois de terminada a guerra, sendo esta moção aprovada e o orador muito ovacionado.

Foi nomeada uma comissão para tratar do assunto que ficou composto dos srs.:

Dr. João Carlos Tavares de Sousa, dr. Antonio Tavares Afonso e Cunha, Filipe Temudo, Antonio Maria de Matos, Tomaz Antonio Domingues, Manuel Rodrigues Santos Silva e Antonio de Almeida Pessôa.

Pelo presidente do Comicio foi, na segunda-feira, enviado aos srs. Ministros da Agricultura e Subsistencias, o seguinte telegramma:

Povo concelho Estarreja reunido ontem comicio resolveu pedir V. Ex.as proibição cultura chicoria para lotar café, terrenos proprios cultura milho para não agravar falta pão.

(a) *Tavares Afonso*

Na impossibilidade de aceder ao convite que lhe fôra dirigido para tomar parte na magna reunião, o nosso director assim como o *Democrata* fizeram-se nela representar pelo antigo republicado, snr. Antonio Maria de Matos, a quem agradecemos esse obsequio.

* * *

O *Diario do Govêrno* publicou já o seguinte decreto em que se acham expressas as condições em que póde ser realisada a cultura da chicoria:

Art. 1.º—A cultura da chicoria no continente da Republica só é permitida mediante licença anual, concedida nos termos deste diploma.

Art. 2.º—As licenças para a cultura da chicoria serão solicitadas, em requerimento, ao ministro da agricultura, pelo interessado, proprietario, rendeiro ou parceiro.

§ unico. Estes requerimentos deverão conter as seguintes indicações:

1.º Nome do requerente, residencia e qualidade em que requer (proprietario, rendeiro ou parceiro);

2.º Nome e residencia do proprietario do terreno;

3.º Concelho, paroquia e local onde está situado o terreno e confrontação deste;

4.º Superficie do terreno a cultivar em metros quadrados, ou unidades agrarias da região.

Art. 3.º—Os despachos ministeriais concedendo as licenças serão publicadas no *Diario do Governo*, para conhecimento dos interessados e dos funcionários a quem a sua execução pertencer, os quais lhe darão plena e imediata execução, cada um na parte que lhe respeitar.

Art. 4.º—A cultura da chicoria só é permitida entrando em rotação com as de cereais e legumes, não podendo ir no mesmo terreno senão passados cinco anos.

Art. 5.º—Os requerimentos a que se refere o art. 2.º do presente decreto deverão ser acompanhados duma declaração, testemunhada por cinco proprietarios da freguesia respectiva, de que decorreram pelo menos cinco anos sem que os terrenos designados nos mesmos requerimentos tenham sido cultivados de chicoria.

Art. 6.º—A's infracções do presente diploma serão aplicadas as seguintes penalidades:

1.º Pela falta de licença a que se refere este diploma, multa de 200$00 por cada hectare ou fracção;

2.º Pelo cultivo sucessivo da chicoria no mesmo terreno, com intervalo inferior a cinco anos, multa de 500$00 por hectare ou fracção;

3.º No caso de reincidencia, as multas anteriores, agravadas com a destruição da cultura.

§ 1.º Quando a penalidade compreender a destruição da cultura e o infractor, depois de intimado, não proceder a essa destruição, será a mesma requisitada á autoridade administrativa, que a fará executar por conta do mesmo infractor.

§ 2.º A autoridade administrativa promoverá, pelas vias competentes, a cobrança das despezas efectuadas com a destruição da cultura, por fórma executiva, como divida á fazenda nacional e nos termos legais e aplicaveis.

§ 3.º Sempre que a penalidade compreender a destruição da cultura, só poderá ser aplicada com prévia sanção do ministro da agricultura.

Art. 7.º—Pela inexactidão da declaração a que se refere o art. 5.º deste diploma, será aplicada a cada um dos signatários respectivos a multa de 200$00.

Art. 8.º—A fiscalisação do disposto neste diploma compete a todas as autoridades e agentes administrativos, fiscaes e policiaes, câmaras municipaes, engenheiros-agronomos e regentes agricolas dos quadros do ministerio da agricultura.

§ unico. As autoridades a quem compete a fiscalisação, tem direito a 50 p. c. das multas impostas.

Leitura quaresmal

MÃE

Senhor Arcebispo.—Ordena-me Vossa Ilustrissima, em carta que recebi do muito Reverendo Vigario Geral, que dê informação de tudo quanto se vai passando e tem passado neste mosteiro com Sóror Michaela das Cinco Chagas, desde que esta serva de Deus recebeu, com lagrimas, o habito da aprovação. Venho, em obediencia a Vossa Ilustrissima, desobrigar-me do meu dever de prelada. Sóror Michaela entrou nesta casa de Deus e de S. Francisco, com duas creadas, na noite de 10 de Janeiro deste ano, e vai ainda no seu quarto mez de noviciado. Ouvi dizer que a tinham trazido em côche da Casa Real, escoltada por quatro creados de arcabuz aperrado nos arçóes dos selotes, e, por carta do Reverendo Provincial, foi-me feita recomendação de que a pobre menina sofrera, havia dezoito dias, com magua e afronta para o nome dos senhores Marquezes seus pais, os trabalhos de um parto clandestino. Não escondo a Vossa Ilustrissima que o zêlo que sempre me mereceu a honra deste mosteiro me fez receber com temor de animo e escrupulos de consciencia aquela pobre ovelha do Senhor. Cheguei a recear algum alvoroço das religiosas que, por muito menos, ainda não ha um ano sairam de cruz alçada; mas o alvará de El-Rei e a provisão de Vossa Ilustrissima vinham em ordem, e eu não podia, sem desobediencia e quebra do respeito filial que a Vossa Ilustrissima devo, opôr qualquer estorvo ou dificuldade ás ordens recebidas. Logo nessa noite Sóror Michaela sofreu tão repetidos acidentes, seguidos de um longo e mortal letargo, que eu, a madre vigaria, e a mestra de noviças, que lhe assistimos sempre, cuidamos que Deus teria piedade dela e a chamaria a melhor vida. Mas aqueles a quem Deus, por sua infinita misericordia, concede na terra a gloria do sofrimento, não descançam na morte sem a ter bem merecido. Até receber a estamenha da aprovação, a desgraçada menina não teve uma hora que não fôsse de lagrimas, de gritos e de saudades do mundo, com mais compunção do que bom exemplo para as religiosas deste mosteiro. Sabe Vossa Ilustrissima, melhor talvez do que eu, o que se passou na vida de Sóror Michaela antes de a trazerem para esta casa, e Deus sabe melhor do que nós ambos, senhor Arcebispo, com que dureza de alma arrancaram ao seio dessa pobre pecadora, que por divina vontade foi mãe, o filho que nem por ser do seu oprobrio era menos do seu coração.

Nem a idade, senhor Arcebispo, nem a dignidade do habito que ha cincoenta anos me veste, puderam extinguir de todo em mim a voz da piedade humana. Vi, com os olhos razos de agua, principiar o noviciado de Sóror Michaela. Adivinhei tudo quanto mais tarde havia de acontecer, e os justos motivos que teria para alvoroçar-se o zelo de Vossa Ilustrissima. Sou testemunha de que a pobre menina, pelo fervor da oração, pelos rigores da penitencia, pela mortificação das disciplinas e dos jejuns, fez, quanto cabia nas forças duma fraca mulher, por libertar a sua alma de todas as paixões da natureza e de todos os afectos mundanos. Não quiz Deus que o conseguisse, por seu mal e por mal desta comunidade. Póde secar-se, num coração de mulher, a seiva de tódos os amores; nunca, senhor Arcebispo, se extinguirá a do amor materno. Contam-se as noites em que os soluços e os gritos de Sóror Michaela não acordam o mosteiro, como uivos de loba que encontrasse morta a cria. Durante os oficios divinos, onde vai amparada ás outras noviças, cai em extasis e em letargos, chama a altas vozes pelo filho, escabuja no chão, rasga o habito no peito, e não ha autoridade de prelada que a dome, nem suplicas de irmãs, nem ameaças de carcere e de cêpo, porque, nesses instantes, Sóror Michaela não ouve, nem vê. Tudo quanto nas imagens e nos paineis do convento recorda a obra divina da Maternidade, é, para a triste pecadora, motivo de mortificação e de lagrimas. Ainda ontem a madre escrivã mandou cobrir de panos o painel da Virgem que está no côro de cima, sobre o cadeirado da banda do Evangelho, porque, diante dele, Sóror Michaela caia com acidentes. Por maior que seja no mosteiro a compaixão, não se póde, senhor Arcebispo, nem calar as murmurações, nem impedir o escandalo. Ha tres noites, fugiu da cela, desceu as escadas até á igreja, e foram as donatas encontra-la antes da hora de prima, despida em camisa, caída como morta nas lages do chão, a embalar e a aconchegar aos peitos uma imagem do Menino. Se não teem a caridade de a levar desta casa, ou morre, ou enlouquece.

Querem que Sóror Michaela seja freira; o que ela é, senhor Arcebispo, é mãe. Faça Vossa Ilustrissima, pelo muito que póde a sua virtude, que o mesmo côche que a trouxe a venha buscar outra vez. Deus ensinou-nos a suprema doçura do perdão. Se a suplica que os meus setenta anos fazem aos senhores Marquezes e a Vossa Ilustrissima, não merecer a graça de ser escutada—ao menos, senhor Arcebispo, que o mosteiro possa adoptar essa creança, e que Sóror Michaela, recolhida como simples dona nesta casa de S. Francisco, tenha ainda a consolação de sentir, no balsamo piedoso das lagrimas, que Deus perdôa e sorri a todas as mães.—Real Mosteiro do Louriçal, em 5 de maio de 1782.—Minima serva de Vossa Ilustrissima.—*Soror Ana*, abadessa.

Julio Dantas

Subsistencias

—=(*)=—

Deram já entrada na fabrica Cristo & C.ª os dois vagons de milho que lhe couberam no ultimo rateio feito em Lisboa, por ocasião da entrada do paquete que da Africa trouxe abundante quantidade daquele cereal, devendo chegar brevemente outros dois, que prefazem 40:000 quilos na sua totalidade.

Vendendo-se mil quilos diariamente teremos dentro desse limite de venda, assegurado por quarenta dias, a existencia de farinha para o consumo da população. E', sem duvida nenhuma, um grande beneficio para todos nós, por quanto está a vender-se por 34 tostões cada 15 quilos de milho—do mesmo milho que o lavrador colheu, vendendo-o a 1$80 e que, por o conservar açambarcado—sem outro encomodo mais do que esse—exige agora 3$40!

E ninguem se importa com isso! nem se dá o mais insignificante passo para acordar essa gente da vertigem do assalto crescente e deshumano a que vem de ha muito submetendo o povo faminto.

A fabrica Cristo, Rocha & C.ª estipulou o preço de 1$75 por cada alqueire ou 12 quilos, o que é rasoavel em face da crise angustiosa e torturante que estamos atravessando.

Ha, todavia, quem opine que esse preço seja elevado e a diferença resultante entre ele e aquele que fôr estabelecido, reverta a favor duma sopa para os pobres, que está em via de organisação.

Não concordâmos.

E não concordâmos porque não se torna extensivo a todos o beneficio que se pretende estabelecer nesse sentido.

Incontestavelmente será muito maior o numero dos que serão beneficiados com a redução do preço da farinha de milho do que daqueles que possam aproveitar da tijela de sopa.

E, de aí, para recolher os fundos precisos para a manutenção dessa sopa, bastará apelar para quantos se tem locupletado com os fabulosos lucros resultantes da situação actual.

Em França, na Inglaterra e na Italia estão já estabelecidos os respectivos impostos provenientes dessa origem, medida aliás merecida e justa.

Entre nós, nem ao menos se tem procurado saber se as proprias determinações superiores e compromissos tomados com a autoridade, são cumpridos pelas partes a isso obrigadas.

Como já dissémos, foi distribuida por todas as padarias farinha que durante oitenta dias resultava o abaixamento do preço e limite de pezo minimo de cada pão para ser vendido a 2 e 4 cent.

Perante a autoridade esse compromisso foi formalmente tomado pelos padeiros.

Pois, senhores: bem poucos dias volvidos, como aqui tivémos ocasião de dizer, já o pão não atingia o pezo marcado, e, houve padeiro, que, recebendo a farinha que pelo rateio lhe coube, não mais amassou por estes dois simples e honrados motivos—ou vendeu a farinha que a autoridade lhe distribuiu para beneficio publico, por preço muito mais elevado do que aquele porque ela lhe foi cedida, ou açambarcou para vende-la depois, mais tarde, no fim de terminado o praso.

Não seria justissimamente punido o infame que assim procede? Certamente.

Mas apesar da autoridade ter conhecimento, e até de ter sido solicitada pela Comissão de Subsistencias para, com alguns dos seus membros, ir *de visu* apreciar e resolver o que se estava e está passando, nunca se chegou a estabelecer nem a hora nem o dia para essa deligencia.

Assim, todos os processos de burla, de ganância, de latrocinio se tem empregado na exploração infamissima a que o povo está sendo sugeito com o criminoso consentimento daqueles a quem cabia o direito e o dever de intervir.

O que se está passando com o pão, é verdadeiramente indigno e atentatorio do prestigio da autoridade que é a primeira a deshonrar-se com o seu procedimento, desleixo e incapacidade.

Conjugue-se tudo e repare o povo no que o espera.

* * *

Tendo sido apreendidos na estação do Caminho de Ferro desta cidade 14 caixotes, conduzindo clandestinamente farinha de milho, quando a nota respectiva de expedição indicava conterem fructa, essa farinha, na totalidade aproximada a 1:000 quilos, será vendida na Administração deste concelho, na proxima segunda ou terça-feira, em lotes de 1 a 5 quilos, exclusivamente ás classes pobres, ao preço provavel de 10 a 12 centávos cada quilo.

Aplaudimos a deliberação.

Notas mundanas

Passa na segunda-feira o aniversario natalicio do nosso presado amigo e clinico dos mais abalisados, sr. dr. Abilio Gonçalves Marques, a quem o correspondente da Costa de Valado, na sua carta de hoje, se refere com palavras de justiça, que inteiramente perfilhâmos, limitando-nos por isso a enviar-lhe tambem um abraço de parabens.

✣ *Consorciou-se no dia 24, em Azurva, o sr. José Marques da Silva, irmão do nosso antigo assinante sr. Pedro Marques da Silva, com a menina Ana Simões Dias, natural de Taboeira.*

Muitas felicidades.

✣ *Tem passado ligeiramente encomodado o nosso querido amigo Francisco Vieira da Costa, a quem desejâmos pronto restabelecimento.*

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Basilio Téles e a revolução

—=(*)=—

Duma entrevista publicada n'*A Voz Publica*, do Porto, recortamos as seguintes e significativas palavras do velho republicano Basilio Téles:

. . . .

—Bem. Diga lá. Que querem? Quem o mandou? Para quê? Como foi essa trapalhada toda da revolução? Sempre trapalhada. Tudo se podia fazer doutra maneira. Mas está feito. Parece que está bem. Que querem? Eu já cá os esperava. Veem cá sempre. Não abro a porta. Deixem-me. A's vezes cada massada!... Poucos dias antes de cá ter vindo Manuel de Carvalho, do mando de Pimenta—só o soube depois, muito depois!—tinha cá vindo um patriota mandado por Magalhães Lima, a pedir-me um artigo, para uma revista qualquer. Uma trapalhada. Nunca mais abri a porta. Se tiver maneira faça saber ao General, que da vinda de Manuel de Carvalho só soube depois, muito depois. E a ocasião era bôa. Talvez tivesse ido. Era possivel que tivesse aceitado. E tinham-se evitado trapalhadas. Muitas trapalhadas. Muitas coisas...

—Mas não foi então, vae agora. Todos lh'o mandam pedir. O Mestre escolhe a situação que quizer. Qualquer das pastas. Machado Santos, esse, encarregou-me de lhe dizer que é sua a pasta do interior que ao Mestre estava destinada em 5 de outubro e que então lhe escamotearam, atirando-o para as Finanças...

—Está bem. Uma situação... Uma pasta... Mas diga você: Quem ajudou Sidonio? Quem são esses famossos cadetes que se bateram?... Eu, a Sidonio, já conhecia... Duarte falava-me muito nele. E' uma cabeça... E' um homem... E' incontestavelmente uma força... Mas os outros?...

—Os outros, Mestre, os outros são todos rapazes, cheios de fé, cheios de fogo, cheios de mocidade, cheios de esperança. Rapazes de 20 anos—poucos serão os de mais de 30—que se bateram como leões, que estão prontos a bater-se outra vez, a bater-se sempre por uma Republica nova, por uma nova Patria...

Os olhos fulguram-lhe. O rosto iluminou-se-lhe. Parecia transmudado—num mixto quente, arrebatado, de esperança e de assombro.

—Mas então ainda ha rapazes? Mas então deste estrume, de esta podridão germinou uma mocidade que se bate? Uma mocidade que vive? Uma mocidade que tem fé, que tem coragem, que é capaz de grandes coisas, capaz de coisas belas?... Mas isso é estupendo. Isso é inacreditavel... Rapazes!... Tudo rapazes!... E os outros, os velhos, os da outra vez, esses Barbosas, esses Malvas, esses Tomés, esses Martinzes... de toda essa gente, posta de banda, só se sente o mastigar?

—Só o mastigar, Mestre, enquanto não se lhes sentir o morder...

—Mas é quebrar-lhes os dentes. Quebrar-lhos já... Se este 5 de Dezembro não tiver a virtude facil, a força necessaria para passar uma taboa rasa sobre os tres partidos de 5 de outubro, não valia a pena te-lo feito. Volta tudo á mesma. Fica tudo como dantes. Os rapazes que não deixem. Os rapazes que não consintam...

Mais um dos velhos e dos bons que não concorda com o sudario de erros que, desde 5 de Outubro, se tem desenrolado por conta da ambição dos... que se julgaram aptos para chefes de partido, fazendo neles ingressar e mandar os impenitentes criminosos da... monarquia, com todos os seus processos de corrupção, latrocinios e crimes.

Registamos.

Na *Casa Costas*, sita no logar da Quinta Nova, Oliveira do Bairro, tem havido nos ultimos dias um grande movimento. Caixotes em cima de caixotes de lá teem saído, contendo os magnificos licôres da sua preparação, e sobre tudo o *Licôr Patria*, que continua a ser preferido em todas as mezas.

Não ha memoria duma tão larga exportação durante a Semana Santa.

NECROLOGIA

Kopke de Carvalho

Faleceu no Porto o ilustre engenheiro sr. Antonio Maria Kopke de Carvalho, inspector geral das Obras Publicas e presidente do Tribunal de Arbitros Avindores do Porto.

A noticia impressionou dolorosamente a todos quantos, conhecendo-o de perto, souberam apreciar o brilho da sua inteligencia e a limpida purêsa do seu caracter.

Espirito de rara lucidez e de rara cultura, foi um engenheiro distintissimo e um funcionario modelar, deixando o seu nome ligado a vários e importantes trabalhos realisados sob a sua direcção durante os anos em que pertenceu ao quadro de engenheiros de Obras Publicas. A sua grande bondade, aliada á inexcedivel firmeza de trato, que tornava apreciabilissimo o seu convivio, crearam-lhe as maiores simpatias, impondo-o á consideração e ao respeito de todos que dele se aproximavam.

Antonio Maria Kopke de Carvalho contava 74 anos de edade e mais de 50 de serviço. Tendo nascido no Porto, seguiu o curso de engenheria civil na Academia Politécnica, entrando depois para o serviço publico, onde fez uma carreira brilhantissima, exercendo entre outras comissões as de director de obras publicas em Faro e Vila Rial, director do caminho de ferro de Salamanca, inspector industrial no distrito do Porto, etc. Como juiz do Tribunal de Arbitros Avindores, fez um logar magnifico, todo de conciliação e de bondade.

O seu cadaver veio para Oliveira de Azemeis, terra onde privámos de perto com o saudoso extinto, e ao qual acompanhou até á derradeira morada a estremosa filha, snr.ª D. Leopoldina Kopke de Carvalho e cunhado, snr. dr. Artur Pinto Basto, a quem enviâmos sentidas condolencias.

* * *

Em S. João da Madeira finou-se no dia 26 o acreditado comerciante, sr. Antonio Ferreira da Silva, de 37 anos, que deixa viuva a sr.ª D. Leocadia da Silva e cinco filhinhos na orfandade.

O extinto era irmão do sr. Estevam Ferreira da Silva, fazia parte na firma H. Silva, Lmt.ª, de Lisboa, tendo deixado imensas sauda-

MALDITA!

Lá no calvario, além, pregado sobre a cruz,
Em sofrimento atroz, estatica atonita,
Jazia inerte, exangue, o corpo de Jesus,
O Deus de Nazareth, o filho de Maria.

Um grande resplendor, um resplendor de luz
Lhe iluminava a fronte, a fronte que pendia,
Cedendo ás grandes dôr's sobre o lênho da cruz,
Numa atitude meiga e de melancolia.

E o Cristo Nazareno, o Rei da Paciencia,
Tratado sem amor, sem dó, sem complacencia,
Esse filho de Deus, e pai da Humanidade,

Pede ainda a seu pai, p'ra que a todos perdoe.
. . . .
. . . .

E só eu peço ao Céu p'ra que te amaldiçoe
Por me tratar's, assim, com tanta crueldade.

Aveiro, 29—III—1918.

Albertus

---

des nesta localidade onde era geralmente bemquisto.

Recebam os que o pranteiam a expressão da nossa magoa tambem.

* * *

Ferido ha pouco ainda com o repentino falecimento dum seu irmão, nova dôr alanceia a alma do sr. Julio Cesar Cabral, zeloso fiel da repartição dos correios, que acaba de receber a noticia da morte de seu pae, em Gouveia, onde residia.

O nosso cartão de pêsames.

Horas vagas

—=(*)=—

Sabeis vós quem são os infelizes? São os que não teem fé!

Ana A. Placido

Nem a lus crepuscular que em mim exerce sempre uma tão dôce fascinação póde arrancar-me da apatia que suavemente me entorpece.

Os tons sanguineos do poente lembram a seiva, ainda palpitante, que os odios dos homens faz derramar.

Os requebros graciosos das cristas douradas das serras de tal modo se tocam e alteiam para mais além se curvarem negligentemente, que até me parece distinguir na coordenação das suas linhas, a palavra que me ascalda o cérebro—Esperança!

Que sarcasmo pungente, que ironia acida me esmaga!

Esperança! Poderia eu te-la se a ultima restea de fé se sumiu á luz indecisa duma realidade tenebrosa?!

Se eu já me debato em vascas dolorosas, no pélago da descrença!

Se a minha estrela, aquela linda estrela que outr'ora radiava no azul imenso dum céu calmo, desapareceu sob uma nuvem que se desdobra para apagar o brilho daquelas outras estrelas em que eu tambem cria!

A minha estrela predilecta, aquela que entre todas eu mais adorava, o formoso astro que em noites luarentas consultava, desapareceu numa noite escura de inverno, algida e funéria e eu... perdi a fé. Tinha-a só no seu brilho e ele apagou-se e para tornar mais cruciante a dôr desta saudade, momentos antes deslumbrara-me com o seu fulgor mais intenso, deixando-me vêr assim horisontes novos.

Ai! Era tudo um sonho!

Na ância louca de viver, lutei só, abracei-me a um recife que julgava salvador, mas o primeiro embate da vaga submergiu-me, arremessando-me impiedosamente para uma escoridão sinistra e nem sequer pude lançar um olhar de imensa mágoa para aquele céu nubloso que eu amava, porque nele estava a estrela que me havia sorrido.

Angustiada pela descrença bem tento salvar-me, mas como, se o ultimo facho de luz, o derradeiro átomo de fé, se perdeu com a minha estrela neste século hediondo, acorrentado pelos gormilos ás suas paixões ignobeis?

Como o odeio e como sinto repulsa por os que cobardemente incensam á gangrena de tantos miseraveis, que escarnecem dos infelizes que não teem fé, dilacerados pelo destino!

Cuidado infames, agiotas das consciencias! O fanal da esperança já não acalma os desgraçados, porque vós—ouvi bem—vós lhe ensinastes a descrer, envenenando-lhe a existencia.

Sorris? Encobri esse sorriso que vos disforma, vos perde. E' o sorriso do forçado...

Zombais? Que zombaria essa vossa, que vos redicularisa e que mais parece uma feroz imprecação de selvagens!

Nada vos comove: nem as lagrimas da virgem ultrajada e abandonada, nem as saudades da amisade, nem as lagrimas da juventude, nem o seu amargo sentir, nem mesmo a dôr da orfandade, da viuvez!

Oh! Mas Deus tambem é juiz...

E' por isso que nem a luz deliciosamente alaranjada do ocaso, comove a minha alma, glacial como a noite sem lua e que lentamente fenece, porque se eclipsou a fé que alimenta, que sustenta ainda a morbidez dos seus sentimentos...

A Esperança que de longe me fita com insolencia, não é mais que a ironia do desprêso, como a gargalhada vomitada no leito do moribúndo á luz bruxuleante de uma triste lampada, ante o espectro impassivel da morte.

Vila Rial.

Aurea Vieira e Castro

CORRESPONDENCIAS

Costa de Valado, 27

Dr. Abilio Marques

Faz na proxima segunda-feira anos o nosso distinto conterraneo e velho amigo, sr. dr. Abilio Gonçalves Marques.

Natural da séde desta freguezia—Oliveirinha—o sr. dr. Abilio Marques é dos que a honram pelos seus dotes de espirito e de caracter, pelo seu talento, pelas excelentes qualidades, enfim, que nele concorrem, impondo-o á nossa consideração, á nossa estima, que o mesmo é dizer á consideração e estima de todos que o teem por um homem superior, digno de figurar entre os primeiros não só do concelho de Aveiro, mas do distrito onde o seu nome é citado sempre que se fala de medicos de reconhecida probidade scientifica e correspondente cultura profissional.

Interpetrando o sentir dos que sabem apreciar a grandêsa d'alma do dr. Abilio Marques, os predicados do seu coração magnanimo, sobretudo o do povo da nossa querida aldeia, daqui lhe antecipâmos sincéros cumprimentos de parabens, fazendo ao mesmo tempo votos porque possa festejar o dia 1 de Abril por muitos e dilatados anos, com satisfação, com alegria e intimo regosijo dos que lhe são cáros.

=Foi nomeada e começou a exercer o cargo de professora interina da escola primaria desta localidade, a sr.ª D. Maria Augusta de Rezende, de Avanca, que nela se conservará enquanto durar o impedimento, por doença, do proprietario da cadeira, sr. Manuel dos Santos Costa.

=Por falta de próvas para a pronuncia, acha-se restituido á liberdade o indigitado autor do crime de Mamodeiro, continuando, porêm, as investigações tendentes a fazer luz sobre o tenebroso acontecimento.

=Durante as noites transactas alguns rapazes puzeram em pratica o antigo uso do peditorio para as *almas santas*, uso que consiste em andarem pelas portas a cantar e a rezar, com um painel erguido, recebendo em troca dinheiro, cereaes, o que fôr da devoção de cada morador.

=Encontram-se na Oliveirinha a passar a Pascoa, os filhos do considerado professor sr. João de Almeida Vidal, dr. Arnaldo Vidal, juiz de direito no ultramar e Carlos Vidal, aluno de medicina na Universidade de Coimbra.

Este faz no proximo dia 1 anos pelo que o felicitâmos e aos seus progenitores.

C.

Vagos, 21

(Retardada)

A Comissão Administrativa de este concelho sempre levou por diante o seu perseguidor proposito, exonerando o digno facultativo do partido de Ouca, sr. dr. Antonio de Oliveira, satisfazendo assim a gula dum outro medico, que lhe cobiçava o logar.

A' consciencia dos medicos portuguêses e á sua dignidade profissional expômos este facto infamissimo: um medico apareceu numa sessão municipal a acusar um seu colêga lealissimo, servindo-se para isso de falsidades e de torpêsas.

Ficou-se sabendo que os evolucionistas que compõem a Comissão Administrativa desta terra *funcionam* como monarquicos, pois a perseguição movida ao dr. Oliveira é apenas originada no facto deste intemerato republicano pertencer á *Bairrada Livre*, como já o declarou o principal fautor desta violencia.

Claro que o dr. Antonio de Oliveira recorrerá para os tribunaes, que lhe farão justiça, tendo a Câmara de pagar a advogado que sustente a questão, e sendo, afinal, nós, os municipes, quem paga os caprichos e as asneiras deste ilustre *areopago*.

Para o partido medico de Ouca irá, pois, um dos autores da perseguição, que acusa vilissimamente colégas, perigo este só comparavel ao do tifo exantematico.

C.

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) 1$20
Semestre $60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte . . . . . 2$50
Avulso $02

Anuncios

Por linha . . . . . 6 centavos
Comunicados . . . 4 »
Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.